



PODELESKI, Onete da Silva. Terras e colonização em discussão no Parlamento Imperial: o debate da Lei de Terras em 1843. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de História. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/120929>> Acesso em: 10 de setembro de 2023

RAU, Virgínia. As sesmarias medievais portuguesas. Lisboa: Presença, 1982.

SMITH, Roberto. A transição no Brasil: a absolutização da propriedade fundiária. In: SMITH, Roberto. Propriedade da Terra & Transição: Estudo da formação da propriedade privada da terra e transição para o capitalismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. O Município de Campina Grande 1840-1905: estrutura de distribuição de terras, economia e sociedade. – Campina Grande: EDUFCG, 2013.

SUJEITO E ESPAÇO: A MOBILIDADE ESPACIAL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA TERRITORIALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE SANTA ANA DO MATOS (RN), BRASIL

Mario Sélvio Ferreira de Brito
Professor da SME de Santana do Matos-RN. Doutorando do PPGH - UFRN
selio.ferreira@gmail.com

Resumo: Os sertões da(s) Maria(s), do(s) Francisco(s), do(s) Antônio(s), da(s) Joana(s), das Maria(s) de Tal, entre tantas outras de naturalidades diversas, nos faz refletir sobre as idas e vindas desses sujeitos que se tornaram mecanismos modeladores para apreender o sertão como lugar de identidades, memórias e formas. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma parte da pesquisa de doutoramento que vem sendo desenvolvida sobre a Freguesia de Santa Ana do Matos – RN (séc. XIX), ressaltando a mobilidade espacial dos seus paroquianos no processo de territorialização desta. Como fonte, foi utilizado o Livro de Casamento nº 1 (1823-1833), no qual foram analisados 285 registros, que possibilitaram mapear as pessoas que viviam nesse território ao enfatizar suas naturalidades. O resultado, trata de uma notável mobilidade espacial de sujeitos, que vieram a contribuir no perfil e identidade dos fregueses de Santa Ana do Matos.

Palavras-chave: Sertões; Sujeitos; Mobilidade Espacial; Identidades.

Introdução



A história do Brasil sempre esteve atrelada ao deslocamento de pessoas constituindo uma dinâmica migratória e, resultando com isso, uma intensa mobilidade espacial desde a costa litorânea até a sua penetração pelos sertões¹⁸. Estes últimos, apresentados ao longo dos tempos de diversas maneiras como: “selvagem”, “bárbaro”, “vazio”, “distante”, “inóspito” (Koster, 1942; Amado, 1995; Salvador, 2010), mas que, tempos depois, será o lugar propício para o gado, o colonizador sesmeiro, do vaqueiro, do pároco, do militar, do juiz, do branco, do pardo, do indígena¹⁹, do preto e dos fregueses. Formando assim, um sertão de muitas famílias como a(s) da(s) Maria(s), do(s) Francisco(s), do(s) Antônio(s), do(s) Manoel, da(s) Joana(s), da(s) Micaela(s), das Joaquina(as), das Aldonsa(s), Ana de Tal, entre tantas outras de naturalidades diversas, levando-nos a refletir sobre as idas e vindas desses sujeitos que se tornaram mecanismos modeladores para apreender o sertão como lugar de identidades, memórias e formas, a partir da mobilidade espacial.

Foram os sujeitos que lutaram nos sertões em nome de Sua Majestade Real almejando os benefícios econômicos (pagamentos) ou pela esperança de conseguir e/ou receber terras e implantar uma “semente” criatória de gado; mas também, uma base familiar, na qual passaram a servir a Coroa ao povoar e pagar seus impostos. Essa dominação também vai ser absorvida pelo poder/controlado da Igreja Católica quando registra informações dos seus fregueses nos livros de assentos (batismo e casamento) alinhando-se à ideia de um controle material e censitário das freguesias. Esta última, de acordo com Vainfas, é apresentada como,

A célula básica da Igreja, assentada na atividade dos párocos em contato com suas ovelhas, mas que exigia o dispêndio da construção e manutenção das Igrejas matrizes e do pagamento de uma espécie de salário aos sacerdotes, a cônica, de modo a torná-los independentes dos fiéis (Vainfas, 2000, p. 294).

É notório que, por mais que se tenha um conceito formado, as freguesias necessitavam do contingente populacional, pois serviam como fonte primária de vida, tanto espiritual quanto

¹⁸ Segundo Maria do Socorro Ferraz, o Sertão é a palavra definidora de muitos conceitos: tem origem latina no verbo serísero, que quer dizer ligar com fio, tecer, juntar, atar, engajar, encadear. Dessa palavra latina se derivaram outras como desejo, deserto, desertum, que se traduz na língua portuguesa por destacar-se, soltar-se, desertar (Ferraz, 2014, p. 188).

¹⁹ É importante informar que a ideia do contexto apresentado não é apagar o espaço dos indígenas, pois sabemos da sua existência e resistência por todo o território do Brasil e os espaços sertanejos. Mas, colocá-los como agentes participantes na formação identitária das freguesias.



econômica. Para Viana (1977), o povoamento do interior, através das raízes do criatório do gado e demais interesses em se fixarem por essas terras, foi fulcral para a criação das freguesias no sertão. Todavia, uma vez criada, torna-se necessário compreender quem são e de onde vieram os participantes dessa nova freguesia.

Nesse contexto, ao se discutir sobre as freguesias, é muito comum tratá-las dentro das questões políticas do padroado, dos seus limites territoriais, do atendimento necessário aos fregueses ocorridos pelas distâncias existentes entre os fiéis e a matriz paroquial ou uma capela mais próxima (desobrigas), a cristianização dos espaços e os seus desmembramentos. De certo, são estudos importantes que direcionam a diferentes olhares sobre a discussão do espaço na historiografia sociocultural.

Destarte, preocupado em entender a formação territorial da freguesia de Santa Ana do Matos para além do ato de criação, o problema que rege esse trabalho parte do seguinte questionamento: de onde vieram esses sujeitos que ajudaram nesse processo? Uma vez que essa questão foi levantada, iniciou uma preocupação em entender como as mobilidades espaciais dos sujeitos contribuíram no processo de territorialização dessa freguesia. Nesse caso, a preocupação surge, por entender que uma formação territorial não se limita apenas a decisões políticas de um grupo responsável em tomar decisões, mas a diversos fatores que nos possibilitam enveredar e suprir essas lacunas.

Assim, enxergar um território somente pela perspectiva do domínio, da imposição e do controle sobre uma delimitação espacial é algo muito fechado, quando tratamos da territorialização do espaço. Ou seja, acaba criando uma lacuna por sentir que podemos buscar algo a mais. Contudo, abrir caminhos e encontrar veredas, faz parte da pesquisa histórica e, por isso, buscamos contribuir a partir de outro viés: da mobilidade espacial dos sujeitos. Desse modo, a análise parte da heterogeneidade dos sujeitos e os diversos espaços que se misturam para produzir um novo.

Assim, o objetivo desse estudo é analisar o processo da territorialização da Freguesia de Santa Ana do Matos por meio dos sujeitos e suas mobilidades espaciais como parte



indissociável nesse decurso²⁰. Para caminhar nessa discussão, foi essencial as informações contidas no banco de dados construído a partir do Livro de Casamento nº1 da Freguesia de Santa Ana do Matos, no qual foram utilizados 285 registros de casamentos que correspondem aos primeiros dez anos de sua existência. Como método, foi utilizado a Micro-história de Carlo Ginzburg, ao propor um estudo intensivo objetivando reconstituir a complexidade das relações que ligam os indivíduos à sociedade (Ginzburg; Poni, 1991; Lima, 2012).

Nesse contexto, e aqui, embasado no pensamento de Febvre (1965) a respeito das responsabilidades do historiador quanto aos desafios, não podemos nos resignar frente às lacunas na informação e, diante de tais situações, devemos procurar preenchê-las. Para isto, usaremos os documentos, não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, a estatística e os materiais arqueológicos. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras e a expressão vencida pelo tempo (Lefebvre, 1965).

A Freguesia de Santa Ana do Matos e a mobilidade dos sujeitos

A Freguesia de Santa Ana do Matos foi criada no ano de 1821, através do Alvará Régio, assinado no dia 13 de agosto, em fins do Período Colonial no Brasil. Localizada no sertão da Capitania do Rio Grande do Norte, ocupava a área mais central, tendo como sede o povoado de Santa Ana do Pé da Serra e ficava localizada entre a Freguesia de Santa Ana do Seridó e a Freguesia do Assú. Tinha aos seus cuidados duas capelas: a de São José dos Angicos (Angicos) e a de Nossa Senhora da Conceição (Guamaré); como também um elevado número de fregueses para atender durante as desobrigas nas centenas de moradias espalhadas em seus limites paroquiais. Sua origem ocorreu a partir do desmembramento da Freguesia de São João Batista do Assú, que compreendia uma vasta extensão territorial, tanto para a margem esquerda como para a margem direita do rio Açu, estendendo-se até o litoral.

Desde cedo, a Freguesia de Santa Ana do Matos apresentou em suas raízes familiares uma heterogeneidade de sujeitos (homens e mulheres) vindos de outras freguesias, próximas ou distantes, e do além-mar (gentio de Angola), que participaram do processo da formação

²⁰ Esse estudo faz parte de uma pesquisa de doutoramento e que trata de uma proposta levantada para compreender uma parte da territorialização da Freguesia de Santa Ana do Matos no Rio Grande do Norte, não sendo o único meio analisado para compreender esse processo.



territorial. Nesse percurso, constituído pela mobilidade espacial dos sujeitos, abrindo caminhos para refletir como isso contribuiu para a organização espacial dessa freguesia.

Segundo Heidemann, a mobilidade espacial consiste:

Essencialmente no sujeito migrante que, além de carregar consigo a identidade cultural, é a representação da ação, do movimento, pois ele está envolvido na ação de ir e vir, de deslocar-se de um lugar para outro e de estar sujeito a uma organização econômica, social, política ou simbólico/cultural que são determinantes de seu comportamento (Heidemann, 1998, p.17).

Apesar de discutirmos a mobilidade desses sujeitos para formar um novo território, não devemos nos distanciarmos de toda a bagagem que vem junto com esses sujeitos ao se deslocarem pelos espaços. Com isso, Cresswell (2006), chama nossa atenção ao fato de que esse termo não se refere somente ao movimento de “corpos”, mas traz em si um significado amplo, por considerar um fenômeno social que envolve estruturas, meios, culturas e significados. Para Batarce e Batista (2020), entender esses fenômenos sociais que são as migrações a partir de estudos específicos, pode auxiliar nos processos sociais tanto em uma perspectiva micro quanto no entendimento de fenômenos mais gerais. Em todo caso, segundo os autores, é no território que são impressas as marcas identitárias dos sujeitos e à medida que ele migra, carrega consigo sua identidade que é moldada no tempo e no espaço (Batarce; Batista, 2020).

Para Paiva (2012), muito dessas marcas são percebidas nas construções arquitetônicas, entretanto, não se deve direcionar a visão somente para essas impressões já que os territórios também se constituem de cultura imaterial (festas, culinárias ou religiosidade). Esses elementos apontam para viver o território diferente do seu de origem. Posto isso, é preciso pensar de onde vieram esses sujeitos que vão se enraizando, ao tempo em que passam a ser agentes efetivos na materialização do novo território eclesiástico. Assim, faz necessário compreender de onde vieram (as naturalidades) os sujeitos que, nos primeiros dez anos de criação da freguesia, dinamizaram as raízes familiares e identidade dos paroquianos da Freguesia de Santa Ana do Matos.

Para isso, após ser analisado o banco de dados construído com as informações do Livro de Casamento nº 1 (1823-1833), foi constatado um número significativo de pessoas vindas de



outras freguesias e se estabelecerem nesta por motivos diversos. Seria perigoso de nossa parte afirmar os reais motivos dessa vinda, pois não temos amparo documental para isso. Porém, diante dessas incertezas, podemos assegurar dois motivos: o que está relacionado ao trabalho e, o outro, às relações religiosas do sacramento do matrimônio.

Com isso, a tabela abaixo mostra, no geral, o número de pessoas que vieram de outras freguesias, seguidos de suas averbações, nos primeiros anos de criação da freguesia.

Tabela 1: Quantidade de sujeitos vindos de outras freguesias separados por gênero e cor de 1823-1833

| Sexo | Qualidade / Averbação | | | Total Geral |
|---------------|-----------------------|----------|----------|-------------|
| | Branco(a) | Pardo(a) | Preto(a) | |
| Homem | 18 | 55 | 9 | 79 |
| Mulher | 8 | 20 | 4 | 32 |
| Total | 23 | 75 | 13 | 111 |

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Livro de Registro de Casamento nº 1 (1823-1833) da Freguesia de Santa Ana do Matos-RN

Podemos perceber um número significativo de sujeitos que nos dão uma margem da dinamicidade dos espaços que, mesmo não sendo a intenção, contribuíram para a territorialização da Freguesia de Santa Ana do Matos.

Como podemos observar na tabela acima, o número de homens foi superior ao das mulheres. Mas, também, é importante perceber que os pardos(as) foram maioria tanto dos homens quanto das mulheres sobre os brancos(as) e os pretos(as). Os brancos(as) seguem a segunda colocação entre os homens que aqui se estabeleceram e plantaram suas raízes identitárias através do matrimônio. Aqui, tratamos de números e não de condições econômicas, pois, muitos pardos carregaram títulos de patentes militares e laços familiares ligados aos brancos, não sendo adequado assumir que estes últimos fossem os únicos detentores de condições fundiárias e de atividades públicas. Quanto aos pretos(as), apesar de ser a minoria, chama a atenção por ser registrados como pretos d'Angola, levando-nos a entender que não eram naturais da terra, mas vindo do outro lado do oceano e, mesmo sem ser a sua intenção, participaram da territorialização da freguesia através da mobilidade espacial e seus matrimônios.



É cabível considerar que uma freguesia não se constitui apenas como resultado de uma política decisória (alvará régio ou avaliação do bispado) de repartição de terras de um território mais extenso para dar origem a um outro. Mas sim, uma vez que é criada, precisava construir sua própria identidade e a dinamicidade dos sujeitos através de suas mobilidades como fatores participantes das raízes identitárias do novo território cristão.

Nesse caso, segundo Souza (2000), isso acontece porque a ocupação de um território é vista como algo gerante de raízes e identidade. E continua,

[...] um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta -, mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade socioespacial, identidade na verdade, não apenas como espaço físico, concreto, mas como território e, por tabela, com o poder controlador desse território (Souza, 2000, p. 81).

De certo, a mobilidade de um sujeito no espaço requer e parte de seus interesses e necessidades, ligando-os ao espaço concreto, mas também, outras ações de vivências como os atos religiosos contribuem para sua permanência em diversos espaços. Uma vez que se desloca do seu lugar de origem, os sujeitos levam consigo suas características identitárias que, ao chegar a outros territórios e se fixarem de forma permanente, resulta em um novo.

Essa mobilidade espacial torna-se fator relevante para compreender a territorialização de outros lugares, principalmente, quando um novo território passa a ser delimitado e apresenta necessidades claras de uma identidade própria. Isso, segundo Bonnemaïson (1981, p. 253-254), acontece porque um território, antes de ser uma fronteira, é primeiro um “conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários e, nesse processo, a territorialização vai englobar, ao mesmo tempo, aquilo que se pode denominar de fixação (definido como enraizamento) e aquilo que é mobilidade”.



Sendo assim, uma vez que chegaram os fregueses estrangeiros²¹, abre o espaço para o amadurecimento destes com a nova freguesia, permitindo refletir que uma vez criada, esta busque ter sua identidade própria, ocasionando, com isso, um verdadeiro mosaico espacial nesse processo de territorialização. Esse último, segundo Haesbaert e Limonad (2007), age a partir de duas vertentes: a primeira, característica dos principais agentes que são os indivíduos e os grupos culturais; e, a segunda, definida como principais vetores que trata das relações de identificação cultural. Desse modo, os autores, ao tratarem do território e os processos de territorialização, afirmam que:

A construção do território resulta na articulação de duas dimensões principais, uma mais material e ligada à esfera político-econômica, outra mais imaterial ou simbólica, ligada sobretudo à esfera da cultura e do conjunto de símbolos e valores partilhados por um grupo social. Num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais (Haesbaert; Limonad, 2007, p. 49).

Uma vez que a Freguesia do Assú se desmembrou para dar origem a de Santa Ana do Matos, esta última teve por obrigação se materializar e, aqui, pensar para além de uma delimitação territorial, e perceber, aos poucos, como essa segunda parte foi sendo efetivada ao longo dos tempos. Assim, apresentamos aqui a mobilidade espacial dos sujeitos vindos de outras freguesias que materializaram a freguesia recém-criada com o sacramento do matrimônio.

Na Freguesia de Santa Ana do Matos, foi possível observar uma intensa mobilidade espacial dos sujeitos vindos de outras freguesias e os escravos d'Angola que, por motivos de trabalho (livre ou escravo) ou o sacramento do matrimônio, chegaram e foram enraizando suas identidades de novos fregueses e, posteriormente, fregueses naturais através de seus descendentes. Na tabela abaixo, é possível perceber a quantidade de sujeitos e suas freguesias de origem.

²¹ Definimos fregueses estrangeiros, todos aqueles que chegaram à freguesia de Santa Ana do Matos através da mobilidade espacial e fixaram-se através dos matrimônios e construíram suas raízes com os seus descendentes.

Tabela 2: Relação das freguesias e quantidade de sujeitos que entrecruzaram com a Freguesia de Santa Ana do Matos – 1823-1833

| Homem Naturalidade | Nº | Mulher Naturalidade | Nº |
|------------------------------------|----|--|----|
| Freguesia do Apodi | 1 | | |
| Freguesia de Aracati | 1 | Freguesia de Aracati | 1 |
| Freguesia do Assú | 21 | Freguesia do Assú | 5 |
| Freguesia de Brejo de Areia | 6 | Freguesia de Brejo de Areia | 4 |
| Freguesia do Cuité | 2 | Freguesia do Cuité | 2 |
| Freguesia de Extremoz | 7 | Freguesia de Extremoz | 2 |
| Freguesia de Goiana | 1 | | |
| Freguesia do Jaguaribe | 1 | | |
| Freguesia de Mamanguape | 1 | | |
| Freguesia de N. S. da Apresentação | 5 | Freguesia N. S. da Apresentação | 3 |
| Freguesia de N. S. de Goianinha | 2 | | |
| Freguesia de N. S. da Guia | 3 | | |
| Freguesia de N. S. das Neves da PB | 1 | | |
| Freguesia de N. S. do Ó | 1 | | |
| Freguesia de Pau dos Ferros | 2 | Freguesia de Pau dos Ferros | 2 |
| Freguesia de Pombal | 3 | Freguesia de Pombal | 2 |
| Freguesia de Portalegre | 1 | | |
| Freguesia de Quixeramobim | 1 | | |
| Freguesia de Russas | 1 | Freguesia de Russas | 2 |
| Freguesia de S. José de Mipibu | 4 | | |
| Freguesia do Seridó | 5 | Freguesia do Seridó | 3 |
| Freguesia de Vila Flor | 2 | | |
| Gentio D'Angola | 7 | Gentio D'Angola | 3 |
| | | Freguesia de S. F ^{co} do Canindé | 1 |
| | | Freguesia N. Senhora do Desterro | 1 |
| | | Freguesia de Pajau das Flores | 1 |

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Livro de Casamento nº 1 (1823-1833) da Freguesia de Santa Ana do Matos.

Ao analisar a tabela acima, percebemos o elevado número de fregueses (homens) que vieram da Freguesia do Assú. Contudo, é importante perceber que essa quantidade está relacionada ao fato da Freguesia de Santa Ana do Matos ter sido criada a partir do desmembramento da Freguesia do Assú. Todos que vieram dessa última, cabe refletir sobre dois pontos: os fregueses da margem esquerda e os fregueses da margem direita. Mas, o que isso tem a ver com a contribuição da materialização e identidade da nova freguesia?



Uma vez desmembrada, todos os moradores que ficaram na margem esquerda do rio Açú, permaneceram com a sua naturalidade de origem, ou seja, originários da Freguesia do Assú. Entretanto, todos os demais que estavam na margem direita, permaneceram com a naturalidade ainda pertencendo ao Assú, mas identificado como fregueses de Santa Ana do Matos e deixando somente aos seus descendentes a nova naturalidade. Assim, o número apresentado na tabela pode indicar uma origem de nascimento e vivências ou uma naturalidade de uma (no caso Assú) e a vivência de outra (Santa Ana do Matos). As demais informações, cabe destacar a vinda de sujeitos de outras freguesias mais distantes como das Freguesias de Extremoz, Brejo de Areia, do Seridó, de Nossa Senhora da Apresentação, São José de Mipibu, Pombal, Nossa Senhora da Guia e, bem mais distante, de Angola.

Ao analisar a mobilidade espacial das mulheres, percebemos ser menos expressiva em quantidade, mas de valor histórico importantíssimo para compreendermos que essa mobilidade serviu como fator contribuinte da territorialização da Freguesia de Santa Ana do Matos, uma vez que essas mulheres trouxeram suas raízes originárias e a disseminaram através dos laços matrimoniais e suas descendências para a materialização desse território eclesiástico. Cabe destacar que, a maioria delas, vieram das mesmas freguesias que apresentaram o maior número de homens que também foram partícipes dessa construção. Na tabela abaixo, é possível apreender que muitos homens e mulheres vieram das mesmas freguesias e se estabeleceram por aqui através do matrimônio.

Tabela 3: Quantidade de sujeitos (homens e mulheres) que vieram das mesmas freguesias para a Freguesia de Santa Ana do Matos – 1823-1833

| Homem Naturalidade | Nº | Mulher Naturalidade | Nº |
|---------------------------------------|----|---------------------------------|----|
| Freguesia de Aracati | 1 | Freguesia de Aracati | 1 |
| Freguesia do Assú | 21 | Freguesia do Assú | 5 |
| Freguesia de Brejo de Areia | 6 | Freguesia de Brejo de Areia | 4 |
| Freguesia do Cuité | 2 | Freguesia do Cuité | 2 |
| Freguesia de Extremoz | 7 | Freguesia de Extremoz | 2 |
| Freguesia de N. S. da Apresentação | 5 | Freguesia N. S. da Apresentação | 3 |
| Freguesia de Pau dos Ferros | 2 | Freguesia de Pau dos Ferros | 2 |
| Freguesia de Pombal | 3 | Freguesia de Pombal | 2 |
| Freguesia de Russas | 1 | Freguesia de Russas | 2 |



| | | | |
|---------------------|---|---------------------|---|
| Freguesia do Seridó | 5 | Freguesia do Seridó | 3 |
| Gentio D'Angola | 7 | Gentio D'Angola | 3 |

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Livro de Casamento nº 1 (1823-1833) da Freguesia de Santa Ana do Matos.

Das vinte e cinco freguesias, somadas com o espaço de Angola, é possível observar que, entre elas, quase a metade participaram da mobilidade espacial tanto por homens quanto por mulheres. Em muitas das vezes, os números são iguais para ambos, muito embora, há sempre a maioria atribuída aos deslocamentos dos homens. Contudo, não existe uma certeza se todos vieram para esta freguesia apenas com o intuito e/ou com o compromisso firmado para o matrimônio. Entretanto, é possível afirmar que no momento do matrimônio, eram registrados como moradores da Freguesia de Santa Ana do Matos, como mostra os registros de casamentos abaixo do ano de 1824.

Aos vinte dias do mês de janeiro de mil oito centos e vinte e quatro pelas onze horas do dia nesta Matriz de Santa Anna do Mattos tendo precedido as canônicas denúncias sem impedimento, confissão e exame da doutrina christã, ajuntei em matrimônio e dei as Benções nupciais aos meus Paroquianos Felipe Neri de Galisa e Aldonsa Maria da Conceição, **elle natural da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Riogrande**, ella natural desta Freguesia e **na mesma moradores**; forão testemunhas Joaquim Joze Barbosa e João Alves, cazados e moradores nesta freguesia. (Vigário João Theotonio de Sousa e Silva). (Livro de Casamento I da Freguesia de Santa Anna do Mattos, p. 4-4v, grifo nosso).

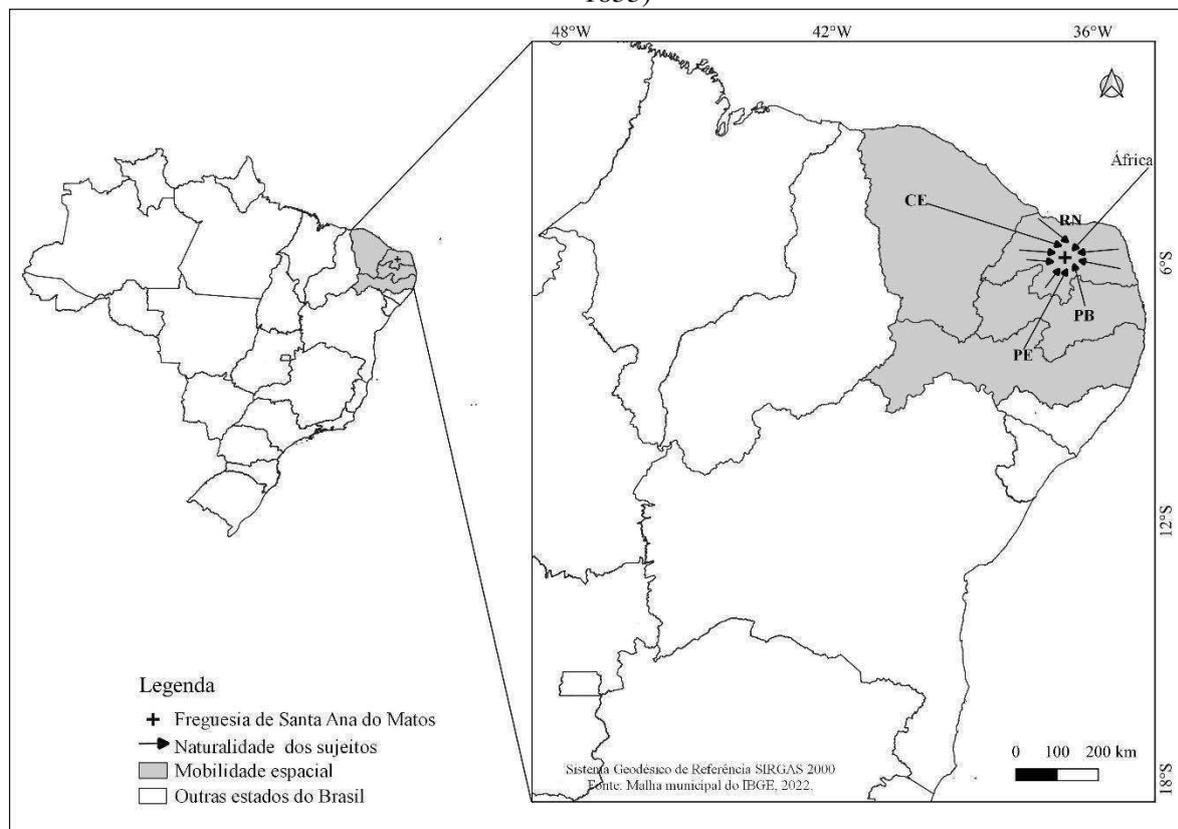
Em outro assento paroquial, registrou-se,

Aos vinte e dous dias do mês de janeiro de mil oito centos e quarenta e quatro pelas quatro horas da tarde nesta Matriz de Santa Anna do Mattos tendo precedido as canônicas denúncias sem impedimento, confissão e exame da doutrina christã, ajuntei em matrimônio e dei as Benções nupciais aos meus Paroquianos Antonio Claudio Fernandes e Victoriana Maria de Paiva, elle natural desta Freguesia e **ella da Freguesia do Riogrande do Norte, e nesta moradores**, sendo testemunhas Joaquim Joze Barboza, cazado, e Joze da Silva, moradores nesta Freguesia, de que para constar fiz este assento, que com as ditas testemunhas assigno – O Vigário João Theotonio de Sousa e Silva. (Livro de Casamento I da Freguesia de Santa Anna do Mattos, p. 4v, grifo nosso).

Isto posto, foi possível produzir um mapa da mobilidade espacial dos sujeitos e seus respectivos espaços de origem, mostrando assim, a dinâmica promovida por eles que resultaram nos novos fregueses (Figura 1). Nessa perspectiva, passamos a enxergar que a formação da

Freguesia de Santa Ana do Matos é oriunda de “multi” naturalidades que vão desencadear na identidade do novo território cristão e suas raízes familiares no decorrer das décadas.

Figura 1: Mapa da mobilidade espacial dos sujeitos até a Freguesia de Santa Ana do Matos (1823-1833)



Fonte: Raila Mariz, 2023.

Considerações não-finais

Ao observarmos essa mobilidade, percebemos que a Freguesia de Santa Ana do Matos, no início de sua criação, tem suas raízes de um território “multi”, ao ser constituído também por sujeitos vindos de outras freguesias e caracterizando um processo de “entrecruzamento” de naturalidades para a sua formação. Para Haesbaert (2004), pensar essa multiterritorialidade não é uma coisa nova, quando leva em consideração o fato de que o processo de territorialização pode partir do nível individual ou em pequenos/grandes grupo(s). Com isso, ponderamos o nosso olhar para uma multiterritorialidade dividida e encabeçada sobre duas categorias: a categoria da mobilidade espacial interna e a categoria da mobilidade espacial externa.



A mobilidade espacial interna inclui todas as freguesias e seus sujeitos que estão próximos ou distantes da Freguesia de Santa Ana do Matos, mas que se encontram dentro do território macro. Nesse caso, o macro, faz referência à Província do Rio Grande do Norte. Estas representaram um quantitativo que totalizaram 13. A mobilidade espacial externa trata de todos os espaços (freguesias) que estão além dos limites territoriais da Província do Rio Grande do Norte, que totalizaram 13 (somando com o espaço de Angola).

Essas categorias nos permitem analisar que a Freguesia de Santa Ana do Matos, esteve diante de uma significativa mobilidade espacial realizada ao longo dos seus primeiros dez anos de criação. Como resultado, ocorreu parte da identidade da própria freguesia, pois, por mais que estejamos cientes da política do governo real e da política eclesiástica em intensificar o seu poder e controle sobre os espaços, o direcionamento das mobilidades nos permitem entender a territorialização a partir dos deslocamentos dos sujeitos que vieram e se agruparam no mesmo espaço. Além disso, uma vez que se fixaram, alicerçaram as bases familiares que perduram até hoje por essas terras.

Longe de dizer que o estudo está completo e que só existem freguesias se olharmos para as mobilidades, estaríamos sendo grotescos. Pelo contrário, o estudo ainda requer intensificações e aprofundamentos. Por isso que tratamos aqui de considerações não-finais. No entanto, uma vez que abrimos espaço para analisarmos tais fatores como os apresentados acima, podemos estar nos permitindo a novos caminhos e olhares visando intensificar pesquisas futuras no aprofundamento sobre as freguesias. Pois, à medida que os sujeitos se movimentam pelos espaços, trazem como “bagagens” seus costumes, seus hábitos, suas crenças, suas simbologias que servem para compreendermos novos territórios (Sack, 1986) e suas raízes familiares.

Referências

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, 1995, p. 145-151.

BATARCE, Ana Paula Archanjo.; BATISTA, Elicardo Heber de Almeida. O Paradoxo entre mobilidade espacial, migração e os direitos humanos nas sociedades contemporâneas. **Revista Georaguia**. Barra do Garça – MT, v.10, n.1, p. 146-170, junh-2020.

BONNEMAISON, Joël. **Voyage autor du territoire: L’espace géographique** – Dossier <La Géographie Culturelle> vol. 10 (4), Paris, 1981, p. 249-262.



CRESSWELL, Tim. **On the move**: Mobility in the modern western world. New York: Routledge, 2006.

FEBVRE, Lucien. **Combates da história**. Paris: Armand Colin, 1965.

FERRAZ, Maria do Socorro. A sociedade colonial em Pernambuco. A conquista dos sertões de dentro e de fora. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. (Orgs.) **O Brasil colonial 2 (1580-1720)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 171226.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/DIFEL, 1991.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempo de globalização. Etc, Espaço, Tempo e Crítica. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**. nº. 2 (4), vol. 1, agosto de 2007, p. 39-52.

HEIDEMANN, H. D. O migrante da racionalização global. In: MIGRANTES, Serviço Pastoral dos. *et al.* **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução: Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PAIVA, Odair da Cruz. Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antônio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana (Orgs.) **Migrações**: implicações passadas, presente e futuras. Marília: Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SACK, Robert. **Conceptions of space in social thought**: a geographic perspective. Macmillan Press, LTD, 1986.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil**. Ed. revista por Capistrano de Abreu. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Geografia**: conceitos e temas. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.



VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil colonial (1500-1822)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VIANA, Hélio. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1977.
